RAPPORT DE CORRECTION

DE PORTUGAIS PREMIÈRE LANGUE

BANQUE ELVi

SOMMAIRE

le sujet	2
Généralités	7
Traduction	7
Expression écrite	8
Quelques outils	9

Le sujet

BCE
BANQUE COMMUNE D'ÉPREUVES

Code sujet : 75 AR

Conception : BANQUE ELVi

HEC Paris – ESSEC – ESCP Europe – emlyon business school

OPTIONS : SCIENTIFIQUE, ÉCONOMIQUE, TECHNOLOGIQUE et LITTÉRAIRE

PREMIÈRE LANGUE

Vendredi 3 mai 2019, de 8 h. à 12 h.

ARABE – ITALIEN – PORTUGAIS - RUSSE

Traductions et Expression écrite

Durée : 4 heures

N.B. :
Les candidats ne doivent faire usage d'aucun document, dictionnaire ou lexique ; l'utilisation de toute calculatrice ou de tout matériel électronique est interdite.
Si au cours de l'épreuve, un candidat repère ce qui lui semble être une erreur d'énoncé, il la signalera sur sa copie et poursuivra en expliquant les raisons des initiatives qu'il sera amené à prendre.

PORTUGAIS LVI

TRADUCTION DE FRANÇAIS EN PORTUGAIS

L'île du Mozambique, qui a donné son nom au pays, est l'ancienne capitale du temps de la colonisation portugaise. Lorsqu'à la fin du XIXe siècle, la ville-île perd son statut, elle amorce un lent déclin. Inscrite en 1991 au patrimoine culturel de l'Unesco, elle connaît un nouveau souffle, porté par un tourisme de moins en moins confidentiel. Ce bout de récif est relié à la terre par un pont de trois kilomètres. La traversée fait l'effet d'un voyage dans une machine à remonter le temps. D'autant que les lieux sont chargés d'histoire : Africains, Arabes, Européens et Indiens s'y mélangent depuis des siècles.

À l'origine, cette île servait de comptoir aux marchands arabes. En 1498, Vasco de Gama « découvre » l'île. C'est le point de départ de cinq siècles de colonisation. Escale sur la route des épices entre Lisbonne et Goa, la ville s'enrichit grâce au commerce de l'or, des bois précieux et, surtout, des esclaves. Près de 800 000 personnes s'y embarquèrent en partance pour le Brésil, les Antilles, l'Amérique. Cet héritage colonial reste visible dans l'organisation de la ville, littéralement coupée en deux.

Adrien Barbier, 16 mars 2018, Le Monde, [texte adapté]

PORTUGAIS LVI

TRADUCTION DE PORTUGAIS EN FRANÇAIS

O Brasil queimou, e não tinha água para apagar o fogo

Eu vim ao Rio para um evento no Museu do Amanhã.
Então descobri que não tinha mais passado.
Diante de mim, o Museu Nacional do Rio queimava. [...]
O que há mais para dizer agora que as palavras já não dizem e a realidade se colocou além da interpretação?
Diante do Museu Nacional em chamas, de costas para o palácio, de frente para onde deveria estar o povo, Dom Pedro II em estátua. Sua família tinha tentado inventar um país e o fundaram sobre corpos humanos. Seu avô, Dom João VI, criou aquele museu no Palácio de São Cristóvão. Dom Pedro II está no centro, circunspecto, um homem feito de pedra, um imperador. Diante da parte esquerda do museu, indígenas de diferentes etnias observam as chamas como se mais uma vez fossem eles que estivessem queimando. Estão. É o maior acervo de línguas indígenas da América Latina, diz Urutau Guajajara. É a nossa memória que estão apagando. Poderiam ter salvo, e não salvaram, ele grita.
Nunca salvaram. Há 500 anos não salvam. [...]
Quando soube que o museu queimava, eu dividi um táxi com um jornalista britânico e uma atriz brasileira com uma câmera na mão. «Não é só como se o British Museum estivesse queimando, é como se junto com ele estivesse também o Palácio de Buckingham», disse Jonathan Watts. «Não há mais possibilidade de fazer documentário», afirmou Gabriela Carneiro da Cunha. «A realidade é *Science Fiction*».

Texto de Eliana Brum, edição brasileira do jornal *El País*, 03/09/2018

EXPRESSION ECRITE

ENTREVISTA A DIOGO RAMADA CURTO

Diogo Ramada Curto, historiador e professor universitário, quer um novo paradigma capaz de orientar a investigação — e a reflexão — sobre os Descobrimentos e o império colonial português. E responsabiliza as universidades pelo atraso historiográfico no que toca à escravatura e pela sua permeabilidade às guerras culturais e políticas.

Portugal precisa de um novo museu sobre os Descobrimentos?
Não. Os museus existentes, com as competências que já têm, é que precisam de mais meios. Em lugar de um museu, sugiro um programa que articule várias instituições capazes de pensar a nossa história da expansão e o nosso legado imperial e colonial. Só em Lisboa, haveria que contar com o Museu Nacional de Arte Antiga, o de Museu Nacional de Etnologia, o Centro Cultural de Belém ou o Padrão dos Descobrimentos.

Sente que em Portugal, mesmo entre alguns académicos e políticos, o discurso sobre os Descobrimentos ainda é muito baseado na retórica do Estado Novo, que vendia a Expansão como um facto heróico, omitindo que foi também um confronto brutal?
Parto do presente. Há uma guerra cultural e política entre, por um lado, os que pretendem celebrar os Descobrimentos e a Expansão como um encontro excepcional de culturas, de desenvolvimento tecnológico e científico e, ainda, de formas de integração; e, por outro lado, os que insistem na violência, na exploração do trabalho, no esclavagismo e nos modos de discriminação racial. Inútil negá-lo: essa guerra está instalada na academia, nas instituições políticas e nos mais diferentes círculos de opinião.
Já houve quem tentasse apelar ao consenso entre essas duas posições extremadas, situando-se a meio. E houve também quem dissesse que quem não era capaz de celebrar não era patriota e que se devia ir embora. Uma afirmação muito grave, quando se sabe que os dois maiores vultos da historiografia portuguesa da Expansão, Jaime Cortesão e Vitorino Magalhães Godinho, tiveram de sair de Portugal ou exilar-se. Mas o importante seria mudar de quadro.

E em que é que consistiria esse novo paradigma?
Depende, antes de mais, da nossa capacidade de nos distanciarmos do quadro comemorativo ou anticomemorativo em que estamos enredados. Traçar-lhe a história, identificar a sua associação a lutas políticas. Depois, será necessário enquadrar o chamado "caso português" em processos mais vastos e estabelecer um diálogo com outras historiografias interessadas na escravatura.

Portugal continua incapaz de reconhecer o seu passado esclavagista?
É recorrente a guerra cultural e política em torno dos Descobrimentos, da Expansão e do império colonial português. Essa guerra acompanhou todo o Estado Novo, teve os seus momentos de intensidade exemplar na altura de comemorações oficiais, ganhou um novo alento durante as guerras coloniais e de independência e foi reinstalada, em democracia, pela conhecida Comissão dos Descobrimentos. Frente a essa continuidade, o facto que mudou, a partir da década de 1950, é que a História passou a ser feita por profissionais, ou seja, foi monopolizada pela universidade. Ora, a quase inexistência de uma História da escravatura na universidade portuguesa é bem o resultado do atraso nas formas de fazer a História em Portugal.

O Rio de Janeiro está a trabalhar num futuro Museu da Escravidão e Liberdade, nome ainda provisório, e Lisboa trabalha num Museu da Descoberta. Como interpreta esta diferença?
Pessoalmente, não estou a trabalhar em nenhum Museu da Descoberta, por isso, não concordo com os termos da sua comparação. [...] A riqueza da historiografia brasileira, nomeadamente no que respeita às investigações sobre a escravatura, impressiona, quando comparada com o atraso em que nos encontramos.

A postura que hoje se tem perante o nome do museu é mais uma questão moral/ética ou científica?
Sem alienar responsabilidades éticas e morais, nos termos em que a coloco, a questão é, antes de mais, científica e pedagógica. Num panorama em que a História se profissionalizou, competindo às universidades promoverem a sua investigação e ensino, é nossa obrigação mudar de paradigma. Se tivesse de resumir numa fórmula, diria: basta de comemorações e anticomemorações, o importante é que floresçam modos de fazer História mais analíticos, críticos e reflexivos.

Tem sido muito defendida a ideia de que os museus – apesar dos esforços recentes de instituições de referência como o Rijksmuseum – precisam de se «descolonizar», de rever a forma como apresentam os seus conteúdos, ainda muito eurocêntrica. Concorda?
O trabalho de «descolonização» e de adopção de posições não eurocêntricas não começou no Rijksmuseum, nem pode ser considerado recente. O risco é grande quando julgamos que basta introduzir, entre nós, o que é considerado novo. Preferia perguntar: quais são as fontes ou mesmo as tradições que podemos ter em conta relativas a essa atitude "descolonizadora"? Um dos exemplos está na literatura. Por exemplo, os historiadores, os conservadores de museus ou o público em geral têm muito a aprender com a leitura e o estudo de obras que são hoje centrais na literatura angolana: Castro Soromenho ou Luandino Vieira. Os historiadores que mantiverem viva a abertura às ciências sociais, a começar pela antropologia social, têm muito a aprender com as investigações da década de 1950 de Marvin Harris sobre Moçambique – exemplo de uma maneira «descolonizada» de compreender Moçambique.

Lucinda Canelas, entrevista a Diogo Ramada Curto, *Público*, 19 de Maio de 2018

Répondre en portugais aux questions suivantes
(250 mots pour chaque réponse)

1. Neste artigo, a jornalista Lucinda Canelas dialoga com o historiador e professor Diogo Ramada Curto. Apresente o tema e os pontos da discussão.

2. O que pensa da afirmação de Diogo Ramada Curto, «basta de comemorações e anticomemorações, o importante é que floresçam modos de fazer História mais analíticos, críticos e reflexivos?»

Le nombre de candidats a très fortement chuté cette année : quatre copies seulement avec des notes oscillant entre 10 et 18.

On retrouve les disparités constatées dans la maîtrise linguistique (langue portugaise et langue française), et dans la maîtrise méthodologique et critique nécessaire à l'épreuve d'expression écrite. Certaines copies sont d'un excellent niveau, d'autres révèlent des lacunes, surtout d'ordre linguistique.

Il faut féliciter les candidats qui s'investissent et rappeler aux candidats trop distraits que ces épreuves se préparent tout au long de l'année.

Exercices de traduction : la version était tirée d'un texte de la journaliste et écrivaine brésilienne Eliana Brum, publié dans l'édition brésilienne de El País. L'auteure raconte son arrivée à Rio de Janeiro le jour même de l'incendie du Musée National, alors qu'elle était invitée à une rencontre au nouveau Museu do Amanhã. Elle décrit les flammes et évoque l'histoire d'un pays dont la mémoire vient de s'éteindre à jamais, une mémoire qui aurait pu être sauvée. Le thème portait sur l'île de Mozambique dans une sorte de résumé historique de l'importance de cette contrée géographique.

L'écart est visible entre les copies qui présentent une excellente maîtrise du portugais et du français, et des lacunes inacceptables dans l'une et/ou l'autre langue à ce niveau de concours.

On ne peut que reprendre des éléments signalés les années précédentes :

--- Orthographe : parfois les mêmes termes sont orthographiés de manière différente dans une même copie

--- grammaire : il faut apprendre la conjugaison des verbes irréguliers, connaître l'utilisation et les valeurs de l'imparfait, maîtriser les temps du passé. On relève des confusions entre espagnol et portugais et des erreurs dans le passé simple français. Les valeurs du présent, du futur, du conditionnel, les accords des participes passés sont aussi à connaître parfaitement

--- syntaxe : mode indicatif, mode subjonctif. Il faut revenir sur le mode subjonctif très vivant en portugais.

--- flottements entre masculin et féminin, entre singulier et pluriel, ce qui signale un manque de rigueur et une absence de relecture attentive

--- méconnaissance et usage inapproprié des connecteurs logiques. Ce phénomène est grandissant (confusions terminologiques dans les copies tant en traduction qu'en expression)

--- Accentuation : accents oubliés, placés ici et là, tant en français qu'en portugais et grande confusion avec l'espagnol jusque dans les mots les plus simples

--- Confusion avec l'espagnol : outre l'accent, le lexique, les désinences verbales

--- Bases de la grammaire française

Il convient vraiment de revoir les fondamentaux, de lire et de faire des exercices. Il faut se convaincre que le portugais n'est pas l'espagnol.

Ces erreurs se retrouvent dans l'exercice d'expression écrite.

Le texte donné en expression écrite était tiré du quotidien portugais Público. L'entrevue du professeur et historien Diogo Ramada Curto touchait un sujet qui était au cœur d'une polémique au Portugal : la création d'un musée des Découvertes. L'historien, connu pour sa plume parfois acerbe d'éditorialiste, soulignait le problème des commémorations très instrumentalisées au Portugal. Il s'attardait sur la recherche et l'enseignement de l'Histoire, trop sensible aux flux de l'opinion. Il n'en critiquait pas moins les hérauts d'une pensée « dé---coloniale », en rappelant l'existence de récits classiques sur le décentrement, l'esclavage, les violences (littérature, sciences sociales).

Il y a eu de bonnes copies et des réflexions pertinentes, parfois trop personnelles, renvoyant à des exemples tirés de l'histoire ou de l'actualité la plus brûlante et embrassant des données du monde lusophone ou francophone.

Le jury aimerait néanmoins souligner le schématisme grandissant des copies :

--- question 1 : reprise appauvrie des termes du texte ; exercice qui confond résumé et synthèse.

--- question 2 : affirmations sans argumentations ni exemples ; absence de contextualisation.

Conseils aux futurs candidats :

Répétons que l'échelle de notation est modulée en fonction des difficultés. Le jury valorise le travail, le sérieux et la rigueur. C'est pourquoi on n'insistera jamais assez sur l'importance de la lecture d'un texte et sur les nécessaires pratiques d'expression écrite. De même on n'insistera jamais assez sur la nécessité de lire (dans les deux langues) afin de parfaire sa maîtrise orthographique et grammaticale, et afin d'enrichir son vocabulaire et ses connaissances culturelles.

Des lectures régulières sont indispensables. Traductions et expression écrite vont de pair.

Quelques outils

Pour se préparer efficacement à l'épreuve et améliorer leur expression écrite, les candidats sont invités à consulter les manuels de grammaire, de vocabulaire et de méthodologie dont une liste suit. Cette liste n'a aucune prétention à l'exhaustivité. Ces ouvrages sont disponibles en librairie et dans des bibliothèques spécialisées. Nombre d'éléments sont en ligne.

Les quotidiens de langue portugaise et brésilienne sont consultables sur internet, et nombre de médias en langue française offrent des textes (dossiers) concernant les pays d'expression portugaise. Il faut ainsi relever l'intérêt de l'hebdomadaire Courrier International, sans oublier les dossiers du Monde ou du Monde Diplomatique.

Instruments

CEGALLA, D., Dicionário de dificuldades da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, Lexikon Editorial, 2009 (3e éd).

Dicionário de Língua Portuguesa contemporânea, 2 vols., Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa, Verbo, 2001.

Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002.

ESTRELA, Edite, SOARES, Maria Almira, LEITÃO, M. José, Saber escrever. Saber falar. Um guia completo para usar corretamente a língua portuguesa, Lisboa, D. Quixote, 2004.

ESTRELA, Edite, SOARES, Maria Almira, LEITÃO, M. José, Dicionário de dúvidas, dificuldades e subtilezas da língua portuguesa, Dom Quixote, 2010.

HOUAISS, A. ; VILLAR, M. de Salles ; FRANCO, F.M. de Mello, Dicionário Houaiss de sinônimos e antônimos, Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

LUFT, Celso P., Dicionário Prático de Regência Nominal, São Paulo, Ática, 2010 (5eéd). LUFT, Celso Pedro, Dicionário Prático de Regência Verbal, S. Paulo, Atica, 1997 (5ª edição).

MORAIS, António de, Novo Dicionário Compacto de Língua Portuguesa, 5 vols, Lisboa, Confluência, 1994.

Novo Dicionário Aurélio Buarque de Holanda, Rio, 1986.

Quelques liens sur Internet (dictionnaires) :

http://www.sinonimos.com.br/
http://www.cnrtl.fr/portail/http://www.dicionariodoaurelio.com
http://www.dicio.com.br/houaiss http://www.priberam.pt
http://atilf.atilf.fr

1. Langue portugaise

- Larousse da conjugação, de N. A. Freire, Porto Editora, 1985.

- Grammaire active du portugais, de F. Carvalho Lopes et H. M. Longhi Farina (Le Livre de Poche, collection « Les Langues Modernes », 2010) ; elle comporte exercices et corrigés.

- Manuel de langue portugaise (Portugal – Brésil), de Paul Teyssier (éd. Klincksieck, édition originale 1976). Grammaire très complète, pour spécialistes, qui montre les différences entre le portugais du Portugal et le portugais du Brésil. Une référence et un classique.

- Pratique du Portugais de A à Z, de M. H. Araújo Carvalho et M. Boudoy (éd. Hatier, 1997) ; comporte exercices variés et corrigés, ainsi qu'un fascicule, très utile, d'exercices avec les corrigés.

- Prontuário de verbos com preposições, ed. António Tavares et Jorge Moranguinho, Paralelo Editora, 2008. Utile pour la connaissance et la maîtrise de la syntaxe.

- Análise de erros em falantes nativos e não nativos, por José Manuel Cristiano, Lidel, 2010.

- 1001 phrases pour bien parler portugais. Un peu de grammaire, beaucoup d'exemples, Adelaide Cristóvão, ed. Ellipses, 2009.

- Falsos amigos, par Ana Díaz, ed. Lidel, 2013. [analyse des ressemblances linguistiques entre portugais et espagnol ; manuel avec exercices].

- Guia prático de fonética. Acentuação e pontuação, par Hermínia Malcata, ed. Lidel, 2011. (à destination des étudiants de portugais langue étrangère, portugais européen).

- Prontuário de verbos com preposições (e locuções prepositivas), par António Tavares et Jorge Moranguinho, ed. Plátano, 2008.

- Manuel de portugais – Licence, prépa, concours et examens, par Marie-Isabelle Vieira, ed. Studyrama, 2014.

2. Vocabulaire

- Dictionnaire Larousse Français-portugais et portugais-français, Larousse Poche, Juin 2015. [100 000 mots, expressions avec leur traduction. Vocabulaire courant et actuel et grand nombre d'exemples pour repérer facilement la bonne traduction et connaître le contexte de chaque sens].

- 21 contos de autores lusófonos anotados para estrangeiros, de Gonçalo Duarte, (suit le nouvel accord orthographique), Lidel, 2016. Recueil de textes littéraires pour découvrir la littérature et la culture des pays de langue portugaise. L'ouvrage rassemble 21 auteurs contemporains et s'adresse à un public de niveau intermédiaire et avancé en portugais. Outre le texte original, annoté de manière synthétique, l'ouvrage contient également des exercices (lexique, grammaire, syntaxe).

- Du mot à la phrase – Vocabulaire portugais contemporain, de A. Leitão-Heymann et M. d.C. Martins Pires (éd. Ellipses, 2000) ; montre les différences entre le portugais du Portugal et le portugais du Brésil au niveau lexical.

- Du tac au tac portugais – Plus de 1500 phrases prêtes à l'emploi, de Delphine Vanhove (éd. Ellipses 2001).

- Le portugais en un clin d'œil, de A. Leitão-Heymann et M. d. C. Martins Pires (éd. Ellipses, 2005) ; cet ouvrage réunit de très nombreuses expressions idiomatiques.

- Vocabulaire portugais – Portugal/Brésil, de Solange Parvaux, Jorge Dias da Silva et Nina Atsuko Mabuchi (éd. Pocket, 2008).

- Vocabulário Temático : exercícios lexicais, par Isabel Ruela, ed. Lidel, 2015.

- é canja ! Mille et une expressions et façons de dire pour apprendre le portugais (proverbes et idiomatismes), par Ana Rocha & Gilles Macagno, Paris, Ellopses, 2007.

- Expressões idiomáticas ilustradas, par Sofia Rente, ed. Lidel, 2013.

- Dicionário ilustrado português. Dicionário português língua não materna, collectif, ed. Porto Editora, 2011.

- Portugais, réponse à tout, par Adelaide Cristóvão, ed. Ellipses, 2006.

- Cartas (portugais-français). Correspondance en portugais, par Naiade Anido Freire, ed. Ellipses, 2010.

3. Méthodologie

REI, José Esteves, Curso de Redação I. A Frase, Porto, Porto Editora, 1994./ Curso de Redação II. O Texto, Porto, Porto Editora, 2000.

Saber Escreve, Saber Falar – Um Guia Completo para Usar Correctamente a Língua Portuguesa, d'Edite Estrela, Maria Almira Soares et Maria José Leitão (Lisbonne, Dom Quixote, 2004). Cet ouvrage offre une rigoureuse méthodologie de l'expression écrite, insistant sur la clarté de l'expression et la correction de la langue, et aborde quelques aspects méthodologiques comme les citations ou les références bibliographiques.

4. Langue française

Le français de A à Z, de Bénédicte Gaillard (éd. Hatier, 1995) ;

Le français correct pour les Nuls, de Jean-Joseph Julaud, Paris, First éditions, 2009. BLED, É., Bled conjugaison, Paris, Hachette, 1998.

, Bled orthographe, Paris, Hachette, 1998.

Écrire, parler : les 100 difficultés du français, Paris, Garnier, 1986. GARDES-TAMINE, Joëlle, La grammaire. 2. Syntaxe. Paris, A. Colin, 2010.